



ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE CIDADE: ELPÍDIO DE ALMEIDA E “HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE”

Regina Paula Silva da Silveira¹

Resumo: Elpídio de Almeida foi um médico, político e intelectual paraibano que viveu em Campina Grande entre as décadas de 1920 e 70. Em 1962, Almeida lança o livro “História de Campina Grande” em homenagem ao primeiro centenário da cidade, esse livro se tornou um clássico sobre a história de Campina Grande. Entendendo que escrever história é um posicionamento estratégico e político, pois implica a tomada de posicionamentos, e que estes não nascem do vazio, uma vez que a escrita da história é o resultado de uma prática que está articulada ao lugar socioeconômico, político e social do autor, como aponta Certeau (2011). Nessa perspectiva o presente artigo tem como objetivo analisar como Elpídio de Almeida em sua escrita, através de fatos históricos intencionalmente selecionados, cria uma cidade ideal, grandiosa por natureza e fadada ao sucesso.

Palavras-chaves: Elpídio de Almeida. Cidade. História.

O historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades as inclinações, os pressupostos, em suma, a “ideologia dominante”, e mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referências aos postulados de sua época (René Rémond).

Em 1964, Campina Grande, cidade do interior paraibano, completava seus primeiros cem anos de emancipação política. Durante a década de 1960, vários setores da sociedade campinense se engajaram para organizar a festa do centenário, que tinha uma dupla intenção: fazer homenagens à cidade e (re)afirmar o discurso de que ela era grandiosa. Para tanto, as elites locais, através do poder público, de memorialistas, de intelectuais e da imprensa, começaram (ou continuaram) a mostrar, em pronunciamentos oficiais, em matérias de jornais, em músicas e em versos, a grandiosidade da cidade.

¹ Mestranda em história pelo PPGH Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Um dos meios mais eficientes que esses grupos encontraram para demonstrar essa grandiosidade foi a história, pois a partir dela se podia mostrar que, desde sua fundação, Campina Grande estava destinada a ser grande. Para isso, uma produção historiográfica e memorialística foi produzida, a fim de construir uma identidade histórica que justificasse essa grandiosidade.

O livro “História de Campina Grande” de Elpídio de Almeida surge neste contexto, a obra foi lançada em 1962 em homenagem ao centenário da cidade, na obra o autor representa uma Campina Grande ideal, entendemos que o discurso construído por Elpídio de Almeida em seus escritos construiu uma história para a cidade que mostrava que Campina Grande não era apenas grande, mas que essa sua grandiosidade já podia ser vista em sua história, criando assim um destino manifesto para a cidade. Esse discurso servia para diversos fins, principalmente para fins políticos.

Elpídio Josué de Almeida foi um intelectual² paraibano que nasceu em Areia em 1893, após fazer o ensino primário no estado foi estudar medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 1918. Voltou para a Paraíba e em 1923 foi indicado pelo diretor da saúde pública do estado para organizar o Centro de Saúde de Campina Grande e assim o Dr. Elpídio, como era mais conhecido, chegou à cidade na qual criou laços fortes e que foi a inspiração de seu livro.

Elpídio de Almeida, por ser um dos poucos médicos que atuavam em Campina Grande na década de 1920, logo se tornou uma figura conhecida na cidade, além de sua atuação na medicina, Almeida logo que chegou à cidade começou a colaborar com os periódicos locais, como é o caso da “Revista Campinense”, além disso, o intelectual escreveu também artigos sobre saúde para periódicos especializados em medicina e para os jornais do estado, como é o caso do artigo publicado em 1925 no jornal “A União” intitulado de “A lepra na Paraíba”.

Desta feita Almeida começou a ser conhecido como escritor, o que rendeu o convite, em meados da década de 1930, para ser membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, onde ocupou e se tornou o patrono da cadeira de número cinco. Almeida se insere no campo da historiografia tradicional que foi produzida, principalmente, via o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, uma das instituições de saber mais antigas da Paraíba e da qual o autor era membro.

Elpídio de Almeida se envolveu também na vida política da cidade, foi Conselheiro Municipal em 1929, e prefeito de Campina por dois mandatos de 1947-1951 e de 1955-1959. Vemos então que, entre o final da década 1940 e durante toda a década de 1950, Elpídio de Almeida estava totalmente envolvido nos assuntos da cidade e esse envolvimento foi crucial para a construção de algumas posições que Almeida toma em “História de Campina Grande”.

“O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?” (CERTEAU, 2011, p. 45). Com esses questionamentos, Certeau inicia

² Entendemos o conceito de intelectual como uma categoria social e profissional que produz e interpreta a realidade e que possuem grande valor político. A noção de intelectual tanto pode estar ligada aos mediadores culturais (jornalistas, escritores, professores e eruditos), como a noção de engajamento na vida da cidade, defendendo ideias, elaborando manifestos, etc. Os intelectuais por serem reconhecidos na sociedade, são considerados como especialistas, logo as ideias que defendem são vistas com legitimidade (SIRINELI, 2003).

sua reflexão sobre a operação historiográfica, na qual mostra que um texto de história não é apenas uma narrativa dos acontecimentos passados, mas, sim, um procedimento estratégico e político, pois implica a tomada de posicionamentos, uma vez que a escrita da história se faz a partir da articulação de um lugar socioeconômico, político e cultural.

Dessa forma, nenhum autor é neutro em sua escrita, como aponta Certeau o historiador quando faz história ele se apóia num poder político e em uma instituição de saber. No entanto, essa associação nem sempre é revelada pelos autores, o “não-dito”, como chama Certeau, faz referência às práticas científicas feitas na obra. A instituição pesa tanto na escrita dos historiadores que os autores sabem que vão ser submetidos às regras da instituição para que seu trabalho seja tomado como válido. Como coloca Certeau: “A instituição não dá apenas uma estabilidade social a uma ‘doutrina’. Ela a torna possível e, sub-repticiamente, a determina” (2011, p.53). Assim, entender a instituição de saber a qual o autor faz parte é imprescindível em um trabalho de análise de uma obra de história.

A INSTITUIÇÃO DE SABER: O PAPEL IHGP NA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA PARA PARAÍBA

Em 1905, nasce o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que vai se tornar um importante espaço intelectual da primeira metade do século XX, e que nasceu com o objetivo de escrever uma história da Paraíba escrita pelos paraibanos. O Instituto lançou as bases da historiografia do estado, estabelecendo como deveria ser contada a história local, ressaltando, sempre, a grandeza do estado e do seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito. Era preciso construir um passado com características, fatos e personagens particulares do local. Para isso, nos primeiros anos do IHGP, seus membros fizeram um enorme esforço para mapear e coligir documentos sobre o estado, os quais dessem evidência a essas peculiaridades, criando uma identidade paraibana.

Essa historiografia tradicional do estado começou a ser criticada a partir de 1976 com a implantação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (NDIHR) – ligado à UFPB–, que tinha como um de seus objetivos contrapor a história produzida pelo IHGP. A partir de então, se iniciou uma nova fase na historiografia paraibana, a qual buscava produzir um conhecimento mais crítico sobre a história do estado. Foram realizadas várias pesquisas sobre a história da Paraíba, trazendo novas abordagens a temas já trabalhados pelo IHGP, como também pesquisas que mostraram novos fatos da história local. No entanto, como já mencionamos anteriormente, são poucos os trabalhos, até hoje, que tratam da historiografia paraibana em profundidade, que analisam mais detidamente as instituições de saber do estado.

Foi desse lugar social que se construiu um passado para a Paraíba, que está enraizado até hoje no imaginário das pessoas e que está diretamente ligado à conjuntura política, econômica e social do estado. A criação de uma identidade paraibana mostra a necessidade de se criar uma especificidade para o estado, ressaltando sua importância

para a história da nação e, principalmente, colocando a Paraíba em igualdade com Pernambuco, revelando a forte submissão econômica e política do estado em relação a seu vizinho, e por isso mesmo buscando apartar a historiografia dos dois (OLIVEIRA, 2011, p. 47).

A história produzida pelo IHGP não se filiava a uma linha teórico-metodológica definida, mas incorporava algumas vezes os preceitos positivistas, como nos mostra Margarida Maria Dias de Oliveira:

Sem uma linha teórica definida, essa publicação atendia, como dito anteriormente, ao objetivo maior do IHGP que era a escrita da história da Paraíba, pelos paraibanos. Se podemos apontar preocupações em alguns conferencistas e/ou escritores ligados à escola positivista, em outros, é a crônica ou a reminiscência que podemos detectar. A união proporcionada em torno do IHGP se dava por interesses bem locais e de ação e não de caráter teórico-metodológico, ou, pelo menos, não era por esse caminho que se davam as divergências. (DIAS, 1996, p. 49)

Assim percebemos que a produção historiográfica proveniente do IHGP estava mais ligada à conjuntura política, econômica e social do estado, que tinha a necessidade de construir uma história edificada em fatos e personagens que ressaltasse a República. Para tanto, eles definiram um calendário cívico “que inclui as datas de 05 de agosto de 1585, as lutas de resistências às invasões holandesas, a Revolução de 1817 e a proclamação da República, como se todas as datas anteriores fossem um caminho para a última” (OLIVEIRA, 2011, p.45).

Apesar do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano ter sua marca própria, buscar seus objetivos específicos se sua criação está situada em outra temporalidade. Ele nasce a partir da ideia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), inaugurado em 28 de fevereiro 1838, com sede no Rio de Janeiro, cujo dever era criar uma história para o Brasil. Esse foi um exemplo pioneiro e, a partir dele, para garantir as especificidades de cada região brasileira, foram sendo criados Institutos Históricos em cada estado.

Segundo Manoel Salgado Guimarães, o IHGB nasceu na consolidação do Estado Nacional brasileiro e pegou para si a tarefa de construir um perfil da “Nação Brasileira” que desse conta de construir uma identidade própria do país. Essa Nação brasileira se via como continuadora do processo civilizador que os portugueses começaram, logo ela não fez oposição a sua antiga metrópole. “Nação, Estado e Coroa aparecem enquanto uma unidade no interior da discussão historiográfica relativa ao problema nacional” (GUIMARÃES, 1988, p. 6).

Desse modo, a história que foi criada pelos primeiros membros do IHGB tem como característica ser uma história elitista e conservadora, que refletia os interesses de seus membros e da política vigente, que buscava mostrar a Nação brasileira como a “civilização nos trópicos”. Para Guimarães (1988), essa historiografia produzida no IHGB define quem entra e quem fica excluído da história nacional. O conceito de Nação criado pelo Instituto é restrito aos brancos. Nesse sentido, ela traz uma forte

marca excludente, carregada de imagens depreciativas do “outro”, que vão sendo reproduzidas por muito tempo na sociedade brasileira (GUIMARÃES, 1988, p.7).

O LUGAR SOCIAL: CAMPINA GRANDE E A CONSTRUÇÃO DO IDEAL POLÍTICO DE ELPÍDIO DE ALMEIDA

Em 1964, Campina Grande completava seus primeiros cem anos de emancipação política. Durante a década de 1960, vários setores da sociedade campinense se engajaram para organizar a festa do centenário, que tinha uma dupla intenção: fazer homenagens à cidade e (re)afirmar o discurso de que ela era grandiosa. Para tanto, as elites locais, através do poder público, de memorialistas, de intelectuais e da imprensa, começaram (ou continuaram) a mostrar, em pronunciamentos oficiais, em matérias de jornais, em músicas e em versos, a grandiosidade da cidade.

Um dos meios mais eficientes que esses grupos encontraram para demonstrar essa grandiosidade foi a história, pois a partir dela se podia mostrar que, desde sua fundação, Campina Grande estava destinada a ser grande. Para isso, uma produção historiográfica e memorialística foi produzida, a fim de construir uma identidade histórica que justificasse essa grandiosidade.

Os letrados campinenses faziam questão de ressaltar a grandiosidade da cidade e os números eram os seus maiores aliados e serviam para “provar” que Campina era grande. No final da década de 1950, Campina Grande era o mais populoso município do estado (numericamente a população de Campina Grande era maior do que a de João Pessoa). Era também a cidade mais importante economicamente do estado, pois cerca de 40% da arrecadação paraibana de tributos saíam de lá (AGRA DO Ó, 2006, p. 29). Esses números renderam à cidade diversos apelidos, como a “Capital do Nordeste Brasileiro” e “Rainha da Borborema”.

Os empresários interessados em reforçar ainda mais a imagem de Campina Grande como polo econômico divulgaram junto a investidores do Sul do Brasil vários documentos que apontavam que cidade oferecia condições ideais para investimentos, uma vez que estava em pleno desenvolvimento e que havia matéria-prima, energia, mão de obra barata e incentivos do governo (AGRA DO Ó, 2006, p.30-33). Esse interesse dos empresários em chamar investidores para a cidade não era à toa, pois quanto mais empresas na cidade maior era a possibilidade de lucro.

Paralelamente a isso, no entanto, silêncios eram produzidos para outras possibilidades de expressão ou de desenho da cidade e da vida urbana. Interessava a essas vozes que buscavam se fazer hegemônicas a existência de um sem-número de sujeitos calados, obedientes, produtivos no seu alheamento, na sua colocação à margem dos eventos realmente eficientes. A estratégia maior era fazer com que esse desejo de identificação com a modernidade passasse por ser o desejo de toda a cidade, como se fosse possível canalizar numa única conformação da paisagem a energia dos desejos (AGRA DO Ó, 2006, p. 19).

Concordamos plenamente com a colocação feita por Alarcon Agra do Ó posta acima. A ideia da grandiosidade de Campina Grande era difundida como se todos os cidadãos da cidade tivessem tido acesso às benesses que o comércio de algodão trouxe. Dentro desse discurso, era necessário também silenciar as vozes dissonantes e “esquecer” todos os indicadores que se mostravam contrários à essa ideia. Isso é justamente o que Elpídio de Almeida fez em seu livro: deu voz ao que ele acreditava serem as pessoas e os acontecimentos que mostravam a grandiosidade da cidade e silenciou o que não casava com esse discurso.

“HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE” E A CONSTRUÇÃO DA GRANDE CAMPINA

6

1962 é um ano importante para Elpídio de Almeida, nele é lançado o seu livro, “*História de Campina Grande*” que foi editado pela Livraria Pedrosa³ e impresso em Recife, ganhou uma segunda edição fac-símile em 1978 feita pela Editora da UFPB. São 424 páginas divididas em 32 capítulos, que contemplam a história da cidade desde a sua origem até 1930, porque segundo o autor:

Esbarrei em 1930. Para escrever a história dos últimos trinta anos, fase de maior progresso de Campina Grande, teria que falar de pessoas vivas, falar de mim também, dirigente que fui do município em dois quadriênios, o que e seria incômodo e vexativo. Outros que o façam mais tarde, imparcialmente, dispondo do farto e variado material que está ai à mão (ALMEIDA, 1993, p. 12).

Almeida acreditava que só se podia fazer uma história completa baseada nos moldes metódicos, mas mesmo não tratando em seu livro da época de “ouro” de Campina Grande, não podia deixar de mencionar, nem que fosse na apresentação do livro. Assim ele escreveu a História oficial da cidade em homenagem a seu centenário como ele menciona ainda na apresentação:

Impunha-se a elaboração deste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades do 1º centenário da cidade, a comemorar-se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufania sem um caderno descritivo do seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de quase três séculos? Aparece essa publicação para evitar falha (ALMEIDA, 1993, p. 11).

³ A Livraria Pedrosa foi a principal livraria de Campina Grande de 1953 a 1994, era um espaço frequentado pelos grandes “formadores de opinião” da cidade. Foi lá que se iniciou a tradição do provimento da cultura literária. As dependências da Livraria Pedrosa foi palco do lançamento de obras de grandes mestres da literatura local, regional e nacional. Cf. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/memoria-fotografica-relembrando.html>.

Elpídio de Almeida fazia parte da elite local, que como dissemos anteriormente, presenciaram o progresso da cidade durante o início de século XX e queriam comemorar um ciclo de sucesso em seu centenário. Mas como falar de uma tradição de grandiosidade de Campina sem uma história que relate essa glória, como o próprio Almeida pergunta no trecho acima. Elpídio de Almeida se presta a fazer esse importante empreendimento para a construção dessa tradição para cidade, pois, por fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano⁴ e escrever a história oficial da cidade era seu “dever”.

Afinal, assegurar um registro é também uma forma de manter controle sobre ele, e é através desse controle que Almeida tece a história de Campina registrando nela a memória das elites, e imaginando uma cidade sem muitas rupturas, com um desenvolvimento “natural”, pois uma cidade bem administrada tem um desenvolvimento garantido. Assim, Almeida mostra o sucesso da administração dessas elites, que desde a fundação da cidade vão perpetuando seu poder.

Em *História de Campina Grande* Almeida relata uma cidade fadada ao sucesso, traçando um perfil de glória para ela, ressaltando sempre a importância e a grandiosidade desta terra. Esses aspectos podem ser vistos já na disposição dos capítulos onde Almeida quis mostrar a evolução da cidade, ressaltando desde as primeiras linhas que Campina é grandiosa naturalmente, como podemos ver no trecho abaixo:

Não foi difícil a Teodósio dar desenvolvimento ao núcleo iniciado com o grupo dos Ariús. Dadas as condições favoráveis do sítio, a amenidade do clima, a existência de matas, a natureza do solo e, principalmente, a sua localização, ponto de passagem preferido nas comunicações entre o sertão e o litoral, cedo conseguiu atrair parentes, colonos brancos, índios mansos, com o que assegurou a prosperidade do lugar (ALMEIDA, 1993, p. 37-38).

Desde sua fundação Elpídio imagina para cidade uma espécie de *destino manifesto*, guardada suas devidas proporções, pois da forma que Almeida constrói seu texto dá a impressão que a cidade foi designada, por uma força superior a ser magnificente, mas essa descrição não podia ser diferente, já que existia essa preocupação de produzir a tradição de que campina era grandiosa e Almeida participa do projeto exaltando alguns personagens e acontecimentos.

Uma das figuras que o autor exalta em seu livro é a de Teodósio Oliveira Ledo, homem que fundou a cidade. A forma com que ele articula seus argumentos cria uma imagem de Teodósio de Oliveira Ledo como uma figura grandiosa, “Desbravador

⁴ Instituição tradicional paraibana o IHGP lançou as bases da historiografia do estado, fato que eles gostam de ressaltar, pois se colocam como um marco de ruptura entre uma Paraíba sem história para uma com história e escrita pelos paraibanos. Essa história escrita pelo IHGP queria ressaltar a grandeza do estado e de seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito, além da localização e catalogação de fontes, cadastramento de arquivos etc. que servissem para glorificar o passado paraibano. Cf. DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930)*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

infatigável, já no ano seguinte tornava a Campina Grande, sem dúvida com o propósito de desenvolver a aldeia que fundara.” (ALMEIDA, 1993, p. 37).

Não era apenas Teodósio que tinha prestígio para Almeida, segundo o autor sua família, que foram os primeiros “donos” de Campina Grande, foram imprescindíveis para o desenvolvimento da cidade, segundo Almeida “fundara Teodósio de Oliveira Ledo a aldeia de campina Grande. Quase um século depois. Descendentes seus foram elementos decisivos na criação da vila” (ALMEIDA, 1993, p. 50).

Outro ator importante da história da cidade para Almeida foi Irineu Joffily - o homem que propôs que Campina deixasse de ser grande só no nome, dando início a criação dessa tradição de grandiosidade para cidade. Elpídio sempre que pode fala em seu livro das contribuições desse homem para cidade, sua admiração por Joffily é tanta que Almeida reserva um lugar para uma foto dele em seu livro⁵, Almeida o tinha como importante intelectual da cidade, homem que fundou o primeiro jornal local e que tinha ideais liberais e republicanas, que Almeida muito admirava. Segundo o autor:

Não existiram na Paraíba, na capital e no interior, órgãos ou clubes de propagandas das ideias republicanas. (...) Não ficou porém a Província totalmente deserdada de vozes anunciadoras de nova ordem na coisa pública. Campina Grande incorporou-se a êsse pronunciamento isolado. Em 1888, tendo Irineu Joffily e Francisco retumba fundado a “Gazeta do Sertão”, jornal independente, começou a pregação do regime republicano. Não no início, pois os primeiros números foram reservados à defesa dos princípios do partido Liberal (ALMEIDA, 1993, p. 220).

Assim, Irineu Joffily é visto por Elpídio de Almeida como um referencial, mais um integrante da elite local que fez questão de trazer em seu livro, é escrevendo sobre esse homem e seu jornal que Almeida descreve o período da proclamação da república em Campina Grande, colocando em uma pessoa o peso de ter trazido essas ideias tão “importantes”, na época, para cidade e para o estado.

Mais um elemento que Almeida destaca em seu livro, mostrando a grandiosidade da cidade é o açude velho, que de 1825 até o início do século XX, foi o principal reservatório de água da cidade, o autor relata que o açude “foi o elemento que assegurou a sobrevivência da vila e depois, durante decênios, a da cidade. Servia para tudo e para todos, aos do lugar e aos de fora” (ALMEIDA, 1993, p. 106).

O açude velho se tornou um símbolo da grandiosidade de Campina pelo fato de o reservatório ser um dos motivos para a passagem dos tropeiros pela cidade, esses homens traziam com eles mercadorias e paravam em Campina para descansar, e nesse meio tempo que passavam na cidade começaram a desenvolver o comércio⁶. Almeida descreve a importância do Açude Velho e dos Tropeiros da seguinte forma:

⁵ Vale salientar que em toda obra existem poucas fotos.

⁶ Campina até hoje é conhecida por ser uma cidade comercial, e os tropeiros se tornaram o símbolo do desenvolvimento da cidade. Tanto é que um dos presentes que a administração da Campina Grande deu a cidade em seu centenário foi o Monumento aos Pioneiros que são três estátuas em homenagem aos índios Cariris, aos Jesuítas e aos Tropeiros (símbolos do início da povoação e do desenvolvimento da cidade) localizando-se as margens do Açude Velho.

Campina Grande não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. Aqui operavam-se as permutas, as trocas comerciais. (...)

Tornou-se a praça dos escambos na província. Mas para que mantivesse a regalia, cabia-lhe oferecer condições aos tropeiros, dar o de que eles mais careciam: água para os animais, permanentemente, em qualquer estação do ano, em qualquer situação climática, mesmo durante as sêcas prolongadas. Sem isso o itinerário poderia ser desviado para a formação de outro centro de mercancia.

O Açude Velho não faltava a essa exigência. Resistiu às estiagens mais inclementes. Suportou sobranceiras as sêcas históricas de 1845 e 1877, retendo água suficiente para acudir às urgências da calamidade. Foi a salvação de todos. Evitou o êxodo total (ALMEIDA, 1993, p. 107).

Desta forma Almeida vai construindo em seu livro a memória da cidade, memória essa que sempre está relacionada ao grupo que pertence, logo, vemos que o livro *História de Campina Grande* se torna um lugar de memória da elite campinense, pois ele traz memória da “evolução” de Campina Grande que culminou com seu auge econômico que não pode ser esquecido, pois ele sendo esquecido, se esquece também o grupo que estava atrás dele, e como já discutimos, história é uma construção política, na medida que traz a tona a memória o grupo que esta no poder, silenciando os outros grupos. Para Pierre Nora “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que se chama, porque ela é ignorada” (NORA, 1993, p. 12-13).

Elpídio de Almeida parece ter escrito *História de Campina Grande* para ela se tornar modelo, pois o livro pretende definir como se deve ver a historia da cidade, estabelecendo assim a memória que deve ser lembrada, fazendo com que sempre que se pense em Campina se lembre do quanto a cidade é grandiosa, inventando uma tradição para ela, mas que na verdade busca romanticamente algo que já se perdeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos argumentar nessas páginas que Elpídio de Almeida em seu livro *História de Campina Grande* busca construir uma imagem de grandiosidade para cidade que faz parte de um movimento de reconstrução do discurso de grandiosidade na sua época. Para tanto, o autor refletiu seu lugar social quando uniu os métodos da escrita da história do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e adaptou-os à sua realidade, que era escrever uma história que justificasse a grandiosidade de Campina Grande às vésperas de seu centenário. Com isso, Almeida camuflaria a crise política, social e econômica que estava acometendo a cidade.

Entre as décadas de 1950 e 1960, Campina Grande estava perdendo seu lugar no comércio da região. Ao mesmo tempo, várias pessoas migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida, algo que devia ser esperado em uma cidade que se dizia tão grandiosa. O grande número de pessoas gerou muito desemprego e acentuou ainda mais as desigualdades sociais. Para agravar os problemas, nessa mesma época, na

Paraíba e no Nordeste em geral, estavam acontecendo as Ligas Camponesas, movimento social que tomou proporções grandiosas no Brasil e que estavam pondo em xeque o lugar das elites agrárias. O medo que esse movimento gerou nos outros setores da elite mobilizou esses grupos para encontrar meios de voltar ao que eles acreditavam ser a ordem natural das coisas: eles em seus lugares sem ser questionados pelos populares.

Elpídio de Almeida encontrou na história a justificativa para mostrar o lugar das elites. Na medida em que escrevia sobre os homens, os acontecimentos e os lugares que ele julgou serem grandes e merecedores da história da cidade, ele mostrou que essas elites sempre estiveram no poder e que foram elas as responsáveis por trazer o desenvolvimento para a cidade. Logo, essas deveriam continuar em seus lugares para que Campina Grande continuasse crescendo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O instituto Histórico e geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História nacional**. Estudos Históricos, n. 1p. 5-27, 1982. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=26304604>>. Acesso em: 25 de outubro de 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> Acesso em: 18/07/2012, as 20:31.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Paraíba: “heroica desde os primórdios”. **Patrimônio e Memória**. v. 7, n. 1. UNESP – FCLAs – CEDAP, p. 38-53, jun. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/73/73>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SIRINELI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.